

J. FERNANDES MASCARENHAS

O CARNIVAL
— DE —
MONCARAPACHO

(SUBSÍDIOS PARA A SUA HISTÓRIA)



Olhão
1986

Separata de «A VOZ DE OLHÃO»

Vozes do

Algarve

de 1911 a 1912

(2.ª edição, 1912)

Q.º de 1912

1912 - 1913

1913 - 1914

1914 - 1915

1915 - 1916

1916 - 1917

1917 - 1918

1918 - 1919

1919 - 1920

1920 - 1921

1921 - 1922

1922 - 1923

1923 - 1924

1924 - 1925

1925 - 1926

1926 - 1927

1927 - 1928

1928 - 1929

1929 - 1930

1930 - 1931

1931 - 1932

POR TERRAS DO ALGARVE

Ensaio de História e Arqueologia

DUAS PALAVRAS

O Carnaval é a festa do ano que atrai mais gente a Moncarapacho. E, tempos houve, que era a única festa do género que se realizava no Algarve, durante os anos em que as festas do sempre brilhante carnaval de Loulé estiveram paradas, por razões que desconhecemos.

As gentes de Faro com as suas personalidades social e intelectual-mente mais destacadas à frente, acorriam aqui, imprimindo às mesmas distinção e alegria.

Faro, pode dizer-se, que deu uma boa quota-parte para o desenvolvimento desta notável festa de Moncarapacho, a qual continua a atrair imensa gente de toda a parte a esta aldeia (mais vila do que aldeia embora ainda não tenha esse justo foro), cheia de motivos artísticos e monumentais, com belos templos, com lindas imagens, um valioso Museu de Arqueologia, Arte Sacra e Artes Decorativas que com muito gosto ajudamos a fundar com uma série valiosa de peças da nossa própria colecção, sobretudo de arqueologia, uma Misericórdia de 1550 com um Lar de Idosos em pleno funcionamento e um Centro de Dia, Estufas de plantas ornamentais e flores das melhores da Europa, Grutas de muita beleza no Cerro da Cabeça, uma delas em vias de ser utilizada para o turismo algarvio, todos estes e outros valores coroados por um não menor valor, o lendário e mitológico Cerro de S. Miguel, do qual se disfruta o melhor panorama do Algarve e talvez do País, que se estende da Ponta de Albufeira a terras de Espanha, tendo ao Sul a imensidade do Oceano Atlântico e ao Norte o alcantilado da Serra do Caldeirão, de tonalidades ametistas e cheia de beleza e imponência, a imponência rude das montanhas. A par da riqueza agrícola da freguesia e dos vários organismos sócio-económicos nela existentes em pleno funcionamento.

Mas evidentemente que não foi só Faro que contribuiu para o entusiasmo das festas do Carnaval de Moncarapacho, a génese deste carnaval vem de longe, na altura contando apenas com a colaboração e auxílio da gente da aldeia e da freguesia. Das entidades que o subsidiam apenas tem contado e ultimamente, com a Região Turística do Algarve, valha-nos ao menos isso. Todo o interesse por estas e outras festas se volta é para as cidades e vilas importantes, esquecendo-se que, em certos meios mais pequenos e de menor importância, podem existir também belas iniciativas e gente briosa e competente para as realizar com êxito, como é o caso de Moncarapacho.

Moncarapacho, Carnaval de 1986.

J. F. M.

I

GÉNESE DO CARNAVAL DE MONCARAPACHO

O Carnaval de Moncarapacho é, sem dúvida, muito antigo.

Nos primeiros tempos, havia disfarces de mascarados que percorriam as ruas da aldeia e, à noite, iam aos bailes nos «salões» (grandes armazéns ornamentados com balões e serpentinas), onde, ao som de um acordeão ou fole, as máscaras dançavam até quase de madrugada.

Pelas ruas, durante o dia, sobretudo no domingo gordo, segunda-feira e dia de entrudo surgiam as estudantinas, de inspiração espanhola, com trajes escolares das Universidades de Salamanca, de Coimbra ou de Santiago de Compostela, que não só percorriam as ruas de Moncarapacho como também iam animar as povoações circunvizinhas com a alacridade dos seus trajes e os seus melodiosos cantares, ao som de instrumentos de corda, pandeiretas, castanholas e, onde haviam bandas de música, é o caso de Moncarapacho com a sua banda secular, apareciam também instrumentos de sopro. Nessas estudantinas tomavam parte jovens e pessoas de idade mas com a alma de jovens, na maior harmonia, coisa que infelizmente hoje pouco se verifica. Nós mesmo tomámos parte em algumas dessas estudantinas, cantando alguns versos que constam de uma colecção que possuímos, uns adquiridos na altura e outros que nos foram oferecidos por pessoas amigas (1), os quais se transcrevem em parte neste pequeno trabalho de investigação folclórica e histórica. É que, ao pensarmos na fundação de um museu em Moncarapacho, gostávamos de coleccionar tudo o que de interesse cultural, arqueológico, histórico, etnográfico, folclórico e linguístico tivesse existido na freguesia e em freguesias limítrofes, missão que continua em nós com o mesmo entusiasmo de há anos.

Deve dizer-se, entretanto, que esses prospectos eram vendidos pela própria estudantina, não só para pagar a respectiva impressão tipográfica, como para realizar com o resultado dessa venda um convívio entre os participantes da estudantina, por via de regra no Cerro da Cabeça. Desses convívios existem até algumas fotografias tiradas por amadores.

Pelo Carnaval faziam também fritos como pelo Ano Bom e Reis, a par de uns incluindo estopa misturada com farinha e ovos que, ao serem comidos em reuniões públicas e mesmo particulares, punham as pessoas em cheque e em situações difíceis que provocavam o riso, de que muitas não gostavam e até ficavam zangadas por muito tempo. Eram as chamadas partidas de Carnavall...

Pelas ruas da povoação também se viam animais ornamentados e disfarçados, enfim, paródias da quadra que antecede o tempo santo da Quaresma que, nos campos da freguesia de Moncarapacho, era lembrada com a recitação do terço, sendo a chamada feita para ele, já noite, ao som de búrios do mar que partiam de vários sítios, designadamente do Laranjeiro, onde existia muito arreigada essa prática.

II

EVOLUÇÃO DO MESMO CARNAVAL

Embora as festas e paródias do Carnaval de Moncarapacho sejam muito antigas com disfarces nas ruas e bailes de máscaras em grandes armazéns ornamentados com serpentinas chamados «salões», e as estudiantinas, de que é prova irrefutável e prospecto do ano de 1899, cuja letra se transcreve neste texto, o primeiro carro ornamentado só surgiu em 1913. Foi um trem da família Carrajola, ou melhor, do sr. António Rodrigues Carrajola, transportando as filhas desse importante proprietário de Moncarapacho com algumas amigas das mesmas, uma das quais a nossa prima D. Deolinda Caboz Santana, todas elas moradoras na antiga Rua da Carreira. O trem percorreu as ruas de Moncarapacho e foi também à Fuseta.

ESTUDANTINA MONCARAPACHENSE

1899

Concedeme niña un rayo
De la luz de tu mirada,
Para alumbrar en tu ausencia
La soledad de mi alma.

En tu boca está la risa.
En tus ojos los amores,
Quantos y quantos placeres,
Quantos y quantos dolores... Ay!...

Estudiante soy, señora,
Y de serle no me pesa,
Porque de la estudiantina bis
Sale toda la noblesa.

Por eso dicimos com satisfacion: Olé!
Vivan los estudiantes de nuestra nacion.

Nos anos seguintes novos carros apareceram ornamentados mas com as clássicas palmeiras, do género dos carros triunfantes da vigília de Santa Catarina da Fonte do Bispo e de outras festas semelhantes que se realizavam no Algarve. Porém, no ano de 1923, como no ano anterior tinha sido realizada a gloriosa travessia aérea de Lisboa ao Rio de Janeiro, por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, apareceu nas ruas de Moncarapacho um carro representando um avião, certamente a lembrar esse facto, o qual foi construído pelo nosso conterrâneo e amigo, Pedro Neto Graça. Nele ia o construtor do mesmo e algumas raparigas e rapazes de Moncarapacho, entre elas D. Aura Nery, já falecida, e a nossa prima D. Maria Salomé Eusébio, esposa do nosso primo José Mário Rodrigues Mascarenhas. Simplesmente o avião encalhou numa amendoeira da estrada que conduz à Fuseta, pelo que teve de ser reparado à pressa, e depois de ter desfilado em algumas ruas dessa povoação regressou a Moncarapacho donde tinha partido, animando a festa carnavalesca.

Nos outros anos que se seguiram outros carros foram aparecendo já com uma certa arte, embora modestos, e assim o Carnaval a pouco e pouco foi avançando. O povo que já anteriormente se divertia bastante nessa quadra, como vimos anteriormente, começou a entusiasmar-se e mais carros surgiram até se organizarem por fim os respectivos corsos.

Paralelamente a isso continuaram a aparecer as Estudantinas com os seus cantares, muitos deles com letras espanholas, devido certamente à proximidade da Audaluzia, cujas relações com o Algarve eram cordiais, como aliás são nos nossos dias.

As Estudantinas, como o nome o indica, eram organizadas primitivamente com estudantes de capa e batina com golas de gosto filipino rascas pretas com a simbólica colher e o garfo, calção também preto e sapatos de fivela, à moda dos estudantes da velha e gloriosa Universidade de Salamanca, para só citar estes trajes, pois muitos outros apareciam. Nesses trajes nem faltavam as fitas multicores, como aliás ainda há poucos anos vimos em Santiago de Compostela, cidade cheia de tradições, que as mantem ainda, fazendo dela não só um lugar de peregrinações ao túmulo do Apóstolo Santiago como uma cidade turística e os turistas muito apreciam todas estas coisas. Claro que a maioria destas estudantinas não era por fim já constituída por estudantes, mantendo-se porém o nome e os respectivos trajes.

Decorrem os anos e o Carnaval de Moncarapacho desenvolve-se cada vez mais. No seu início sem a existência de quaisquer comissões organizadoras. Os carros que apareciam eram todos puxados por muares, até que se chegou ao ano de 1934.

Nesse ano, já com uma comissão e um júri para classificar os carros, surgiu entre outros também artísticos, o carro de «As Mouras e o Algarve», por nós idealizado, para o que escrevemos propositadamente um conto mourisco de encantamentos, assinado com um pseudónimo, que serviu de tema para a construção do referido carro e em que as

raparigas que nele seguiam, vestidas de mouras a rigor, atiravam para a multidão que, nesse ano já distante, foi grande e entusiástica.

O carro era puxado por uma muar, como os restantes, e era guiado por um rapaz trajando de mouro. Sobre o carro viam-se duas amendoeiras carregadas de flores, uma fonte deitando água e três «mouras» reclinadas sobre a fonte, uma delas representando uma princesa, as quais estando encantadas na referida fonte apareciam todos os anos, a horas mortas, quando as amendoeiras tornam a florir. Sobre a fonte e todo o conjunto erguia-se um crescente dourado, indicando que era noite e representando simultaneamente um símbolo muito usado no mundo Islâmico. Todo o carro, que simbolizava um campo, era um autêntico tufo de verdura cheio de pétalas brancas que uma lufada de vento tinha feito cair. Eram centenas e centenas de pétalas e de flores que as participantes do carro tinham confeccionado desde a festa dos Reis. E tudo feito sem qualquer auxílio oficial.

Quando o carro saiu havia pessoas que lamentavam terem ido cortar as amendoeiras. Porém, como as flores não caíam viram então que eram artificiais, fixadas com arames às hastes das amendoeiras secas que previamente tinham sido fixadas no carro.

Sem qualquer vaidade, foi um sucesso. Choviam flores sobre ele, serpentinas e confétis e até versos, feitos no momento, os quais eram colocados como homenagem sobre o carro, um dos quais dizia assim:

«Lindas mouras encantadas
Do nosso Algarve em flor
Tendes na magia do olhar
Doces promessas de amor.»

Muitos outros e lindos carros foram aparecendo nos cursos do Carnaval de Moncarapacho confeccionados pelas senhoras e raparigas da terra, com uma dedicação sem par. Entre outros, os carros: Estrela do Mar, Vieira, o Mar das Sereias, Quatro Estações, Rosa Tatuada e Chama Olímpica, este do curso do ano de 1984 (2).

No período de 1948-1973, passou o Carnaval a ser organizado pela Santa Casa da Misericórdia local. Depois no período gonçalvista cheio de desentendimentos e ódios, os carros deixaram de ser ornamentados pela Misericórdia e quando regressámos de Moçambique, onde permanecemos 12 anos, já a Santa Casa da Misericórdia não intervinha em tais festas. E foi pena, pois em quase todas as terras onde existem instituições desta natureza é a elas que lhes cabe a organização de tais festas para fins beneficentes. Todavia, o Carnaval tem continuado sempre. A Junta de Freguesia chamou a si a respectiva organização e tudo vai correndo bem. E a Misericórdia tem dado sempre o seu apoio, pondo à disposição da Comissão das Festas um armazém para a ornamentação de alguns carros do curso carnavalesco.

Os carros do Carnaval de Moncarapacho, hoje puxados por tractores,

sempre se têm caracterizado pelo seu requintado gosto artístico. É uma verdade que queremos mais uma vez sublinhar, sem que isso prejudique de qualquer modo a finalidade alegre e folgasã de que se deve revestir o Carnaval. Têm surgido carros através dos anos que até faz pena destruí-los, tal a beleza de que se têm revestido.

Quer as fotografias (3) de muitos dos carros dos diversos cursos realizados no Carvanal de Moncarapacho, quer os prospectos das Estudantinas, tenho-os arquivados para a posteridade como uma das boas e interessantes manifestações de carácter social e artístico desta terra.

(1) As senhoras que tiveram a gentileza de nos oferecer prospectos das Estudantinas de Moncarapacho para a nossa colecção foram: D. Octávia Viegas de Brito, a quem ficamos a dever o mais antigo de todos esses prospectos, e D. Maria Alexandrina Faustino da Silva já falecida.

A ambas o nosso profundo reconhecimento.

(2) Tem orientado a ornamentação dos carros e fornecido motivos para a mesma ornamentação durante muitos anos D. Maria da Conceição Pires Henrique, que foi também a fundadora do Rancho Folclórico de Moncarapacho e, ainda, D. Salomé Pires e outras pessoas de Moncarapacho.

(3) Muitas dessas fotografias nos foram oferecidas pelo nosso Amigo Sr. Arnaldo João Dias que muito reconhecidos lhe agradecemos.

Nota final — Tomámos conhecimento, já depois deste trabalho redigido, que a Câmara Municipal de Olhão reconhecendo o valor do Carnaval de Moncarapacho que, ao mesmo tempo, é um valor sócio-cultural do Concelho, o patrocinou este ano. Registamos o facto com satisfação.



Um grupo de participantes no Carnaval de Moncarapacho, de 1932



As Mouras e o Algarve, 1934.



Os deuses mitológicos, Zéfiro e Flora, lançando na Primavera flores sobre os campos, do cerro de S. Miguel ao mar, 1977.

ALGUMAS ESTUDANTINAS MONCARAPACHENSES

De 1900

Formosas, firmes amantes,
De bondoso coração,
Vind'ouvir dos estudantes,
A apaixonada canção.

bis

Cheios de vida e d'amores,
De prazer e liberdade,
Nós vimos trazer-vos flores,
N'este ardor da mocidade.

Formosas, firmes... etc.

Unida esta rapaziada,
Onde reina a harmonia,
Em férias a estudantada,
Vem trazer-vos a alegria.

Formosas, firmes... etc.

Ouvi sons ligeiros;
O sussuro das violas;
O ramalhar dos pandeiros;
O estalar das castanholas.

Formosas, firmes... etc.

Tudo canta com alegria;
Em tudo reina animação;
Pois todos n'este alegre dia,
Vos fazem uma saudação!
Formosas, firmes... etc.

De 1915

Loiras fadas denairosas,
irmãos gemeas do luar,
têm a formosura das rosas
o vosso cândido olhar.

Ó mariposas
de meigas côres,
não desprezaes
nossos amores,
não tenhaes pejo
dar-nos por graça
um terno beijo.

Abri as vossas janellas,
nossos cantos vindo ouvir,
são elles trovas singelas
que o amor nos faz carpir.

Ó mariposas, etc., etc.

Somos um bando de jovens
que jovial, folgazão,
vem of'recer-vos carinhos,
vem dar-vos o coração.

Ó mariposas, etc., etc.

Em vossos modestos peitos
sentimos forte pulsar
corações apaixonados
que vivem p'ra-vos amar.

Ó mariposas, etc., etc.

De 1916

O Carnaval turbulento
Faz-nos despertar o canto
como ao salgueiral o vento
Desafia à noite o pranto.

Canções bregeiras
Soprae metal
Gemei violas
Afinadinhas
Que as castanholas
Bem trinadinhas
São pregoeiras
Do carnaval
(...)

Trinae trinae bandolins
Trinae trinae com fervôr
Os trinos do bandolim
São loucas canções d'amor.
Canções bregeiras, etc., etc.

De 1924

Estudiante soy nenita
Y te quiero con calor
Todos los estudiantes somos
Un volcan echando amor.

Tus ojos son dos estrelas
Que brillan cual luz del dia
Que me traem perdidito
Pensando em ti alma mia.

Vivan los estudiantes
Viva el Carnaval
Vivan las mocitas
Que sabem amar
Vivan, vivan las mocitas
Vivan las que saben amar.
(...)

Po eso pido, alma mia
Que recibas mi amor
Te serei reconocido
Te quererei com calor
Vivan los estudiantes, etc., etc.

RECORDAÇÃO DO CARNAVAL DE MONCARAPACHO

1934

AS MOURAS E O ALGARVE

Era uma noite de Fevereiro, quando o Algarve estava sob o domínio árabe.

Os seus campos apresentavam-se cobertos da neve odorífera das flores das amendoeiras e a lua, lá no alto, semelhante na forma ao crescente da religião de Mahomet, punha argenteos reflexos nesse manto de finos arminhos que extasiava até os descrentes do culto do belo.

Dir-se-ia que no silêncio dessa noite uma fada, das muitas que a lenda nos aponta, tinha passado pelos campos, espargindo bocados do seu veu alvinhento.

Tudo parecia repousar, conquanto a noite não fôsse ainda em meio.

Só numa alcova de um vetusto palácio de luxo oriental, se divisava um vulto de mulher, através da policromia dos arabescos das vidraças das suas janelas, que uma luz muito ténue iluminava. Era uma moura de peregrina beleza e nobre casta: Agar se chamava ela.

Rodeada de duas aias suas confidentes, esperava ansiosa que um cavaleiro cristão, a quem muito amava, a fôsse raptar nessa noite, já que os preconceitos de crenças e de raças a impediam de se unir legalmente ao dilecto do seu coração.

O amor tinha-a dominado ao ponto de olvidar os conselhos do seu venerando pai, cujo maior desejo consistia em fazê-la esposa de um manco árabe, fidalgo como ela.

Chegado o momento de executar tão desvairado projecto, quando já transpunha os seus ricos aposentos na certeza de que tudo estava absorvido pelo sono, eis que é surpreendida por seu pai que, há muito tempo conhecedor desse intento, velava sem que ela o sonhasse.

Ultrapassado em seus brios de descendente do Profeta, o velho guerreiro não hesitou sequer um momento na execução do plano que havia concebido ante a possibilidade daquele acto de sua filha.

Nessa mesma noite, quando a lua, caminhando para o ocaso, deixava a terra envolta em trevas, esse pai cruel, dando largas ao seu plano, mandou por um mágico da sua casa encantar a filha e as aias suas cúmplices, na cristalina água de uma fonte que possuía junto de uma frondosa amendoeira.

O cavaleiro, perseguido pelos sarracenos, pelejara com denodo a noite inteira, não sendo mais visto.

Quanto às mouras, essas continuaram a misturar o seus sentidos soluços com os das águas da sua nova morada, mostrando apenas os seus rostos formosos pelo quarto crescente do mês de Fevereiro de cada ano, quando as amendoeiras tornam a florir. Reclinadas na fonte, que uma lufada de vento norte de quando em quando atapeta de pétalas brancas, aí passam essas noites luarentas e frígidas, recordando com saudade o tempo em que podiam contemplar os poentes inegaláveis do seu «Gharb» de encanto.

Moncarapacho, 13 de Fevereiro de 1934.

Almohade

(J. Fernandes Mascarenhas)

Observação: Este conto foi reeditado no Carnaval de 1977, servindo de base a um carro de mouras, mas construído em moldes diferentes.

Í N D I C E

	Pág.
Duas palavras	5
I — Génese do Carnaval de Moncarapacho	7
II — Evolução do mesmo Carnaval	8
III — Algumas estudantinas moncarapachenses	15
IV — Recordação do Carnaval de Moncarapacho, 1934 — As Mouras e o Algarve	17

ALGUNS TRABALHOS DO AUTOR :

No Rumo da Educação.

O que os documentos nos dizem sobre alguns aspectos da vida económica do Algarve no século XVIII.

Organismos Oficiais de Estatística Portuguesa e seus Dirigentes — Da Secção de Estatística e Topográfica ao Instituto Nacional de Estatística (1841-1958).

Coexistência Cultural no Ultramar Português.

Considerações sobre os factores educativo e económico no cooperativismo.

A Cooperativa Agrícola do Limpopo.

As Caixas de Crédito Agrícola Mútuo do Algarve no Desenvolvimento Agro-Pecuário da Província (Comunicação às I Jornadas das Cooperativas de Crédito do Algarve).

Da Origem e Evolução das Armas Nacionais: sua crítica.

A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos documentos.

A Origem da Ordem do Carmo em Portugal nas suas relações com a Ordem de Malta.

Nicho e Capela de S. Gonçalo de Lagos (Relatório sobre a sua restauração).

S. Gonçalo de Lagos — Subsídios para o estudo da sua personalidade e do seu culto (IV da colecção «Estudos Algarvios» da Casa do Algarve em Lisboa).

A confusão dos cultos de S. Gonçalo de Lagos e S. Gonçalo de Amarante.

O culto de S. Gonçalo de Lagos na Família Real Portuguesa.

S. Gonçalo de Lagos venerado no Colégio Universitário Agostiniano de Coimbra.

(Comunicações apresentadas ao I Colóquio Gonçalino e reunidas num volume sob o título «Algumas facetas do culto a S. Gonçalo de Lagos»).

A Herdade da Coroadá e o Tratado das Terçarias de Moura.

À Conquista da Vitória (Manual organizado pelo autor e editado pela Obra dos Soldados — Direcção Nacional da Juventude Católica).

As Festas do Natal, Ano Bom e Reis no Algarve (Subsídios de etnografia e folclore).

A Actual Nomenclatura das Ruas de Moncarapacho.

O Cerro de S. Miguel.

Santo Cristo — Subsídios sobre o seu culto em Portugal, especialmente em Ponta Delgada e Moncarapacho.

Cinco séculos na vida de uma freguesia (Discurso inaugural das comemorações do 5.º centenário de Moncarapacho).

Algumas doações de D. Dinis em Faro e seu termo.

Páginas Gonçalinas — Lembrando S. Gonçalo de Lagos e a sua mensagem.

Chocué — Nome primitivo da cidade de Trigo de Morais e outros topónimos das principais localidades do distrito de Limpopo.

A luta contra os franceses à Ponte de Quelfes.

POR TERRAS DO ALGARVE — ENSAIOS DE HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

D. Maria da Graça Pessanha e a Capela da Farrobeira.

A Arte Gótica no Algarve — Uma imagem da Virgem e uma cruz da igreja de Santo Estêvão de Tavira.

O Vinho da Fuseta e a Economia do Algarve (Subsídios).

Origem dos Topónimos das Freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios.

Elementos de Arqueologia sobre o Algarve.

Fornos de cerâmica e outros vestígios romanos do Algarve.

A verdadeira naturalidade de Diogo de Mendonça Corte-Real.

Alguns subsídios arqueológicos sobre a antiga cidade de Balsa.

Dois documentos arqueológicos recentemente achados, sobre os judeus no Algarve.

A população de Moncarapacho no século XVI, livre e escrava, através de rois de confessados inéditos.

O Carnaval de Moncarapacho (Subsídios para a sua história).

Composto e impresso nas oficinas da
Empresa Litográfica do Sul, S. A. R. L.
— Vila Real de Santo António —
—— 500 ex. — 5/86 ——

SEPARATAS DE «A VOZ DE OLHÃO»

- 1 — **A luta contra os franceses à Ponte de Quelfes**
por J. Fernandes Mascarenhas
- 2 — **António Henrique Cabrita, nadador prestigiado**
por Fernando Cabrita
- 3 — **O Poeta João Lúcio — Apontamento Biográfico**
por Antero Nobre
- 4 — **A População Olhanense — Sua Origem e Evolução**
por Antero Nobre
- 5 — **O Doutor Fernandes Lopes — Apontamento Bio-
-bibliográfico** — por Antero Nobre
- 6 — **O Centenário do Nascimento do Cónego Monsenhor
Dr. António Baptista Delgado**
por D. Ernesto Gonçalves Costa
- 7 — **Grutas do Cerro da Cabeça — A «Gruta da Senhora»,
para possível aproveitamento turístico**
por um grupo de Jovens Espeleólogos
- 8 — **O Fenómeno da Simultaneidade em João de Deus**
por Fernando Cabrita
- 9 — **No Centenário do Nascimento do Dr. F. Fernandes Lopes**
por Mariana Amélia Machado Santos
- 10 — **Subsídios para uma Bibliografia Olhanense**
por Antero Nobre
- 11 — **A população de Moncarapacho no Século XVI, Livre e
Escrava, Através de Rois de Confessados
Inéditos** — por J. Fernandes Mascarenhas
- 12 — **O Bom Humor em João Lúcio**
por Fernando Cabrita
- 13 — **O Carnaval de Moncarapacho (Subsídios para a sua
História** — por J. Fernandes Mascarenhas